



“Esperamos que o “próximo normal” nos possa também aproximar de um novo bem-estar para o qual o turismo irá certamente continuar a contribuir”

O turismo e o novo bem-estar

A busca pela saúde espiritual e física assumiu um lugar de destaque desde os primórdios da história do turismo, nomeadamente com a civilização greco-romana. Essa busca manifestou-se num conjunto de deslocações, desde as peregrinações a santuários, como o de Apolo em Delfos, às visitas às termas disseminadas pelo Império. Mas o que tinham essas deslocações em comum? No fundo, representavam uma procura por novas sensações, fossem elas de exaltação do espírito ou de apaziguamento da dor física. Em suma, continham em si uma motivação profundamente humana, a da busca pelo bem-estar. Apesar de este conceito ser de difícil definição como atestam as várias áreas de conhecimento que a ele se dedicam, cabe colocar a questão, será que o turismo contribuiu efetivamente para o nosso bem-estar [ou até mais do que isso, como anuncia Josep Chías, ao classificá-lo de “negócio da felicidade”]? A

resposta a esta questão é afirmativa e traduz-se num tríptico espectro, que inclui o bem-estar daqueles que desfrutam dos recursos e das atrações de cada destino; o dos agentes do setor que dependem da procura pelos seus produtos e serviços para a sustentabilidade económica das suas empresas; e o dos residentes, os ‘hosts’ naturais dos destinos, cuja qualidade de vida se requer preservada.

Considerando esta perspetiva, facilmente se constata que vivemos numa época paradoxal, em que de um momento para o outro, foram aplicadas restrições que culminaram no encerramento das fronteiras ao turismo internacional, projetando-o num bloqueio à escala global, que representa um retrocesso de 30 anos nos números de uma atividade que, inclusivamente, vinha a registar vários casos de overtourism. Esta época é ainda mais paradoxal quando, ao mesmo tempo que se regista um au-

mento da esperança média de vida, um vírus consegue matar no período de um ano, mais de 2,6 milhões de pessoas.

Perante este cenário, cabe refletir sobre as novas consequências deste fenómeno, que afeta a saúde de tantos e que continua a prejudicar gravemente a saúde do turismo. Cabe questionar o futuro desta atividade que, tal como a pandemia, se tornou global e se revelou um setor-chave, quer para as economias mais robustas quer para as economias emergentes. Cabe averiguar o que mudou na procura, quais serão as novas motivações dos viajantes e que turista será aquele que vai sair dos períodos sucessivos de confinamento. Será ele uma continuidade do “novo turista” que nasceu da globalização e que tanto caracterizou as jovens décadas do século XXI ou será um turista “renovado”, mais atento às suas verdadeiras necessidades, mais sensível às questões ambientais e



Joana Alegria Quintela
Professora Universitária – Doutorada em Turismo
Departamento de Turismo,
Património e Cultura da Universidade
Portucalense

mais solidário perante as questões de saúde pública? Não havendo ainda respostas concretas, espera-se no entanto, que o turismo e a saúde, que têm estado de mãos dadas no mal, se mantenham de mãos dadas no bem, no caminho de um turismo mais sustentável, mais “seguro” e “limpo” que permita restaurar a confiança no setor, como foi recentemente defendido pelo Parlamento Europeu. Apesar de continuarmos na fase do popular “novo normal”, este aparenta estar a aproximar-se do fim, e esperamos que o “próximo normal” nos possa também aproximar de um novo bem-estar para o qual o turismo irá certamente continuar a contribuir. Porque, citando Hipócrates, “a cura é uma questão de tempo, mas é também uma questão de oportunidade” e o turismo tem no presente e terá no futuro uma oportunidade para, paulatina e criteriosamente, recuperar e se transformar num turismo melhor. **P**